

---

## Apresentação

---

Marlise Regina Meyrer<sup>1</sup>

É com satisfação que apresento a edição 2019/1 da revista discente *Oficina do Historiador*. Essa edição conta com uma resenha crítica e nove artigos livres, dando continuidade à divulgação científica de trabalhos discentes, docentes e de pesquisadores em geral, buscando qualificar cada vez mais o periódico, bem como os trabalhos publicados. A novidade desse número é a mudança da equipe editorial, em substituição à anterior, coordenada pela professora Luciana Murari que, com muita competência e seriedade, conduziu as edições dos últimos anos, garantindo a qualidade da revista. O novo corpo editorial é composto por Cássio Albernaz (editor assistente), Samuel Alves (editor de seção) e Marlise Regina Meyrer (editora-chefe), todos ligados ao Programa de Pós-graduação em História da PUCRS. Dando seguimento ao trabalho das equipes editoriais anteriores, os artigos que englobam essa edição apresentam diferentes potencialidades de temas, objetos, fontes e metodologias de pesquisa inerentes à produção historiográfica.

Abrimos a revista com um ensaio, que propõe uma reflexão sobre o trabalho na “oficina do historiador”, ou sobre a “operação historiográfica” conforme descrita por Certeau (1982)<sup>2</sup>. Em “O trabalho do historiador em foco: reflexões sobre a história de Johann Gustav Droysen (1808-1884)”, Julierme Moraes, na perspectiva da teoria da história, discute as contribuições do historiador Droysen, inseridas no historicismo alemão, para a consolidação do conhecimento histórico no campo das ciências humanas no século XIX, bem como a atualidade de suas proposições e a importância de suas proposições teórico-metodológicas no contexto atual de maior reflexão dos historiadores acerca da epistemologia de seu conhecimento.

Na sequência, o artigo de Letícia Sabina Wermeier Krilow, “Jornal como fonte e/ou objeto da escrita histórica: proposta metodológica aplicada à análise das representações sobre o político na ‘grande imprensa carioca’ de 1955 a 1960”, descreve detalhadamente a questão do método na “operação historiográfica”. O trabalho é um exercício de uso de um método – Análise de Conteúdo – aplicado a um objeto e a fontes específicas. A partir de referências bibliográficas variadas, a autora discute alguns princípios e possibilidades da pesquisa, bem

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Doutora em História pela PUCRS. Docente no Programa de Pós-Graduação em História PUCRS e editora da revista *Oficina do Historiador*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6446-7799>. E-mail: [meyrer\\_nh@hotmail.com](mailto:meyrer_nh@hotmail.com)

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.



como cuidados metodológicos no uso do jornal como fonte ou objeto de pesquisa. De forma didática, descreve a aplicação de uma proposta metodológica.

Já Leonardo Fetter da Silva, traz para a *Oficina do Historiador* o instrumental da Análise do Discurso para analisar em seu artigo “Ditadura civil-militar e a aparência de normalidade constitucional: análise dos discursos na instalação do conselho de defesa dos direitos da pessoa humana”, os discursos de Costa e Silva e do seu Ministro da Justiça, Luis Antônio da Gama e Silva, na cerimônia de instalação do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, no Rio de Janeiro, em 24 de outubro de 1968. O autor busca evidenciar a apropriação do discurso liberal em Defesa do Estado de Direito, democracia e direitos humanos pelo regime (ditadura civil militar), como forma de legitimação dentro da lógica do estado autoritário.

O artigo “Trajetórias de vida em perspectiva histórica: Joey Ramone e Marky Ramone”, de Fernando Mendes Coelho, por sua vez, utiliza-se de fontes biográficas, recorrendo ao instrumental metodológico específico a essa abordagem. A partir dos textos biográficos dos músicos Marky Ramone e Joey Ramone, o autor analisa a sociedade norte-americana dos anos 1960 e início da década de 1970, em específico, os movimentos jovens de contracultura e as contradições internas ao próprio movimento que originaram o movimento punk-rock. Os limites do movimento de contestação e a sua absorção pelo mercado de consumo também são tratados na análise. Com outra temática, Maysa Silva Oliveira “opera” na *Oficina do Historiador* a partir de uma fonte imagética. No artigo “Contra os filhos do império celeste: a visão de Angelo Agostini em relação ao imigrante chinês”, analisa nas charges de Ângelo Agostini, publicadas na *Revista Illustrada*, no final do século XIX, a visão do chargista sobre a imigração chinesa no Brasil, no contexto da transição do trabalho escravo para o livre.

Já o autor João Daniel Antunes Cardoso do Lago Carvalho, no artigo “Os conflitos entre a diplomacia e os comerciantes britânicos sobre o tráfico negreiro brasileiro (1826-1850)”, na perspectiva da história social, parte de fontes variadas para problematizar a relação entre o capitalismo e a escravidão ao relativizar a ideia de um consenso inglês contrário ao comércio de escravos. As fontes utilizadas pelo autor evidenciam a divergência de interesses entre os próprios ingleses, que permearam as relações entre a política e a economia no século XIX. Para além de uma perspectiva inovadora, Joanes da Silva Rocha traz para a *Oficina do Historiador* um tema pouco explorado pela historiografia brasileira. No artigo “As artes liberais e manuais japonesas do século XVI a partir da obra *Nihon Kyôkaishi*”, o autor analisa a referida obra escrita pelo jesuíta português João Rodrigues Tçuzu, entre 1622 e 1633, como uma tentativa de encaixar o Japão e a sua estrutura social, às definições de cultura e civilidade europeia a partir da equivalência entre artes manuais e liberais japonesas e europeias.

Entre a diversidade de fontes, objetos e metodologias, a *Oficina do Historiador*, apresenta também, dois artigos que tratam de questões referentes ao ensino, à aprendizagem e ao currículo de História. O artigo “O tempo entre “competências e habilidades”: uma análise das questões de história do Brasil nas provas do ENEM”, de Juliana Miranda da Silva, aborda a complexa questão do tempo histórico no ensino e na aprendizagem. Partindo da análise das edições das provas do ENEM de 2010 a 2016, a autora analisa como foram abordadas as percepções tem-

porais nos enunciados das questões referente à História do Brasil ou, quais as competências e as habilidades relacionadas à questão da passagem do tempo são exigidas no exame. Sobre esse contexto das mudanças no ensino de História, nas últimas décadas do século XX e início do XXI, Cintia Regina Rodrigues no artigo: “A Lei n. 11645 e a percepção dos professores de história sobre a temática indígena na escola”, parte da dimensão da História Cultural para abordar a “nova história indígena” que enfatiza o protagonismo desses sujeitos na história. A autora investiga o processo de implementação da Lei n. 11645, em Santa Catarina, a partir das discussões teórico-metodológicas da proposta em publicações oficiais e questionários aplicados a professores sobre a sua visão sobre o tema e a implementação da Lei.

Por fim, publicamos ainda, a resenha da obra *Entre a espada, a cruz e a enxada: a Colônia Militar de Caseros no norte do Rio Grande do Sul (1858-1878)*, de João Carlos Tedesco e Alex Vanin, elaborada por Kalinka de Oliveira Schmitz e Indaia Dias Lopes.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram para essa edição. Desejamos aos leitores e leitoras uma ótima leitura: que ela possa ser útil tanto aos operários das oficinas de história, quanto aos apreciadores de boas histórias, aquelas que servem para pensar e se deleitar!

***Profa. Dra. Marlise Regina Meyrer***

Editora da revista *Oficina do Historiador*

**Recebido em:** 10/6/2019

**Aprovado em:** 14/6/2019